

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

RUBIA THAINARA CHIAPETTI

**A REALIZAÇÃO DO FONEMA /R/ NA FALA DA COMUNIDADE DE BARRA
GRANDE - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Orientadora: Profa. Dra. Susiele Machry da Silva

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada - Sociolinguística

PATO BRANCO – PR
2021



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **RUBIA THAINARA CHIAPETTI**

Título: **A REALIZAÇÃO DO FONEMA /R/ NA FALA DA COMUNIDADE DE BARRA GRANDE - PR**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 26/08/2021,
pela comissão julgadora:

Profa. Dra. Susiele Machry da Silva - UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dra. Marcele Garbin Dagios – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Denize Terezinha Teis – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Obs: O aluno deverá encaminhar, no prazo de **5 (cinco) dias úteis** a contar da data da defesa, **exemplar definitivo do TCC**, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo Regulamento do Curso e normativa da Biblioteca da UTFPR.

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª M.ª Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou meu caminho, e me ajudou diversas vezes nesta caminhada.

Aos meus pais Tania e Artemio e aos meus irmãos que me apoiaram e aguentaram nos momentos difíceis durante esta caminhada, e também a todos meus familiares que sempre me apoiaram, principalmente aqueles que não podem estar comigo neste momento, mas que de algum lugar tenho certeza que estão olhando por mim.

A Prof^a Dr^a Susiele Machry da Silva por todo apoio durante este trabalho, pela compreensão e orientação durante a realização deste trabalho, e desde o primeiro momento em que escolhi o tema se propôs a me orientar na conclusão deste trabalho.

Agradeço imensamente aos informantes que meus amigos e conhecidos que se propuseram a participar das entrevistas, pela sua contribuição para este trabalho.

Um agradecimento especial a todos professores que me acompanharam durante todos esses anos a todos colegas estiveram comigo durante esta caminhada, e participaram dos meus dias por muitos anos.

A todos meus amigos aqueles que me orientaram e me ajudaram durante todo este processo, por me entenderem nos dias difíceis.

RESUMO

CHIAPETTI, Rubia Thainara. **A realização do fonema /r/ na fala da comunidade de Barra Grande**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Licenciatura em Letras Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2021.

O presente trabalho acadêmico tem como temática principal a análise da realização do 'r' na posição de ataque silábico na comunidade de Barra Grande, uma comunidade de maioria descendentes italianos, localizada no interior do Paraná. Mais precisamente, o objetivo do estudo foi investigar o uso do r-fraco (tepe) ou a preservação do r-forte (vibrante) em formas como rato, carro, nesta comunidade. O embasamento teórico teve como foco a sociolinguística e a Teoria da variação (LABOV (2008 [1972]), MONARETTO (2008), MOLLICA (2010), LORIATO E PEREZ (2013), TARALLO (2007), BRAGA (2010), OLIVEIRA E SILVA (2010) entre outros. O trabalho foi desenvolvido a partir de entrevistas com moradores da comunidade, com faixa etária entre 20 e 85 anos, de sexo feminino e masculino, com níveis de escolarização do nível fundamental até o superior. O estudo evidencia a prevalência do uso do r-fraco (tepe), na comunidade em pessoas mais velhas e com menor escolaridade, e a gradativa substituição r-fraco (tepe) pelo r-forte nos falantes mais jovens com níveis maiores de escolaridade.

Palavras chave: Variação Linguística, r-fraco, tepe, Barra Grande, descendentes italianos.

ABSTRACT

CHIAPETTI, Rubia Thainara. **The realization of the phoneme /r/ in speech in the Community of Barra Grande.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Licenciatura em Letras Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2021.

The present academic work seeks to analyze the realization of the 'r' in the syllabic attack position, in the community of Barra Grande, the community has a large number of Italian descendants and it is located in the countryside of Paraná state. Furthermore, the research objective is to explore the weak R (tepe) or the preservation of strong-r (vibrant) in words like mouse and car, by members of this community. The theoretical foundation are sociolinguistic and linguistic variation linguística (LABOV (2008 [1972]), MONARETTO (2008), MOLLICA (2010), LORIATO E PEREZ (2013), TARALLO (2007), BRAGA (2010), OLIVEIRA E SILVA(2010). The research was carried out by meeting local residents with ages between 20 and 85 years old, female and male, with levels of education from elementary to higher education. This research indicates the popularity of weak R (tepe) between the eldest people with lower level of education and a gradual replacement of weak R (tepe) for strong R between younger speakers with higher level of education.

key words: linguistic variation, weak R, tepe, Barra Grande, Italian descendants.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1– REALIZAÇÃO DO /R/ NA COMUNIDADE.....	18
GRÁFICO 2 – REALIZAÇÃO DO /R/ INICIO DE PALAVRA.....	20
GRÁFICO 3 – REALIZAÇÃO DO /R/ - MEIO DE PALAVRAS.....	20
GRÁFICO 4 – ESCOLARIDADE – ENSINO FUNDAMENTAL.....	21
GRÁFICO 5 – ESCOLARIDADE – ENSINO MÉDIO.....	22
GRÁFICO 6 – ESCOLARIDADE – ENSINO SUPERIOR.....	23
GRÁFICO 7 – IDADE: FAIXA ETÁRIA A 20-50.....	23
GRÁFICO 8 – IDADE: FAIXA ETÁRIA B 50 ANOS OU MAIS.....	24
GRÁFICO 9 – VARIÁVEL SEXO: MASCULINO.....	25
GRÁFICO 10 – VARIÁVEL SEXO: FEMININO.....	25

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – INFORMANTES.....	15
QUADRO 2 – PALAVRAS MAIS RECORRENTES.....	19
QUADRO 3 – INFORMANTES E PRODUÇÃO DO /R/.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO DA FALA	6
2.2 A REALIZAÇÃO DO ‘R’ UM FENÔMENO VARIÁVEL	10
3 METODOLOGIA	13
3.2 INFORMANTES E CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA	14
3.3 INSTRUMENTOS	16
3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma área do conhecimento de extrema importância, uma vez que estuda o uso da língua em sociedade, associando a língua e como ela é falada a aspectos linguísticos e sociais. O Brasil, por ser um país multicultural, torna-se um lugar rico em variações linguísticas, ou seja, podemos encontrar diferentes falares de norte a sul do nosso país.

Consequentemente, há inúmeros estudos sobre a variação desenvolvidos sob o viés da sociolinguística. A Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]) investiga a correlação de fatores linguísticos e sociais na aplicação de fenômenos em variação.

Nessa perspectiva, embasado na Sociolinguística Quantitativa, o tema investigado neste trabalho é a variação linguística em uma pequena comunidade, localizada em Itapejara D'Oeste no Sudoeste estado do Paraná. O foco é na realização do /R/ na posição de ataque silábico, no início ou no meio da sílaba (ex.: caro, barriga, carroça, barro), observando quais fatores linguísticos e sociais contribuem para a ocorrência de variantes de /R/ nesta posição na comunidade.

Sobre a variação linguística, Mollica (2010), p.11 afirma, em “Introdução à Sociolinguística”, que ela é dividida em dois eixos: diatópico e diastrático “No primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta fronteiras sociais” Observa-se, ainda, a variação no eixo diastrático, olhando para fatores de ordem social como idade, escolaridade e etnia. Este trabalho foca nos eixos diatópico e diastrático, pois as alternâncias da variação linguística se expressam regionalmente e, no caso desta pesquisa, é analisada a variação linguística em uma comunidade de descendentes de imigrantes italianos, com relação à realização do /R/ na comunidade. Analisou-se como ocorre a realização do /R/ na fala dos moradores da comunidade de Barra Grande, de forma a verificar quais variantes se mostram presentes. Por ser uma comunidade rural, com descendência italiana, a hipótese é de que os informantes produzam o /R/ mais como fraco - o tepe (ex.: rato, bariga), mesmo nas formas em que se esperaria a realização do r- forte (a vibrante).

O objetivo geral delimitado no início da pesquisa foi: analisar dados sobre a pronúncia do /R/ no início de sílabas em palavras como rato, roer, carro, faladas pelos moradores da comunidade de Barra Grande, compreendendo como fatores sociais como idade, etnia, sexo e escolaridade, e também variáveis como posição na sílaba, palavra e informantes, podem influenciar na escolha de uma variante em detrimento de outra. São, assim, objetivos específicos da pesquisa: (1) identificar em que grupo de habitantes esta variação se apresenta mais fortemente; (2) verificar se essa variação ocorre por influência de grupos étnicos e de fatores sociais como escolaridade, sexo e idade; (3) verificar quais informantes produzem mais a variante tepe do r e em quais palavras predomina o r-fraco (tepe).

A comunidade em que se realizou a investigação deste trabalho é a comunidade de Barra Grande, localizada na cidade de Itapejara D'Oeste, no sudoeste do Paraná, formada por moradores de maioria descendentes de italianos. Por isso, nessa comunidade, são comuns “usos linguísticos diferentes”, ou seja, traços ou até algumas palavras misturadas com características do italiano que os imigrantes usavam, assim, a partir das entrevistas para prover dados de fala de pessoas de várias faixas etárias e de ambos os gêneros, se busca analisar se a variação do /R/ se dá mais em alguma faixa etária ou gênero.

Este trabalho mostra-se relevante por contribuir com o estudo da língua falada, na área da sociolinguística, no âmbito da variação linguística, pois a migração em diversas cidades do sul do país foi o que possibilitou características únicas da fala de diversas regiões. Na migração italiana e de diversos outros países se encontra uma rica variação linguística que observamos em toda a região sul e outras regiões do nosso país.

Este estudo tem grande importância, pois guardará dados linguísticos que mostram a riqueza da variação linguística na comunidade, e como esta se conecta a questões histórico-sociais de formação da região. Na comunidade investigada, moradores compartilharam traços linguísticos, os quais continuam após vários anos e gerações, uma vez que boa parte da comunidade é de origem italiana e oriunda do estado do Rio Grande do Sul. Outro fato que torna o assunto de extrema relevância entra na questão do preconceito linguístico, pois a partir destas variações que caracterizam algumas comunidades, começa o preconceito

linguístico com a fala, então é de extrema importância dados que mostrem a variação e tragam também um pouco de história que vem junto a ela, conscientizando sobre a variabilidade e heterogeneidade da língua.

No âmbito pessoal, a motivação enquanto pesquisadora e moradora da comunidade de Barra Grande é a de analisar e conservar dados linguísticos presentes na comunidade onde esta pesquisadora nasceu e da qual faz parte. Por muitas vezes, também como muitos habitantes da comunidade, esta pesquisadora foi alvo de preconceito linguístico pelo seu jeito de falar. A intenção é também valorizar a nossa variedade de fala, para que se torne um traço que traga orgulho aos seus moradores, pois este traço linguístico caracteriza de forma única não somente o que somos agora, mas também as origens de cada membro da comunidade. É importante entender e valorizar a fala de uma comunidade formada por diversos colonizadores, valorizar os primeiros habitantes de nossa comunidade que aqui se firmaram e construíram do zero uma comunidade que hoje se tornou orgulho para muitos moradores.

Este trabalho está organizado em 8 seções. Primeiramente, apresenta-se a “revisão da literatura” que faz a discussão teórica que ancora a concretização deste trabalho, trazendo “A sociolinguística e a variação da fala”, teorias e métodos das pesquisas em comunidades de fala. Após, no capítulo sobre a “A realização do /R/ um fenômeno variável”, são mostrados estudos da variação linguística do r. No capítulo de “metodologia”, apresentam-se os informantes e a forma de construção da amostra”, além dos instrumentos usados para a coleta dos dados. Na parte final, seção de análise dos resultados, apresenta-se a descrição dos resultados obtidos, seguido das considerações finais e referências.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Para alcançar o objetivo deste estudo, foi necessário ancorar-se em teorias que orientam a sua concretização. Sendo assim, são estudos e concepções sobre o tema referente a este trabalho, divididos em seções: 1) A sociolinguística e a variação da fala; 2) A realização do 'R': um fenômeno variável. Na seção 2.1, são apresentados alguns conceitos e métodos de pesquisadores como Labov (2008 [1972]), Tarallo (2007), Mollica (2010), Braga (2010) e Silva (2010). Na seção 2.2, são apresentados alguns exemplos de estudos já feitos sobre esta variação, estudos que mostram também como a influência da descendência de imigrantes de outros países tem relação com essa herança linguística e conclusões a que chegaram estes estudos.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO DA FALA

Vinculado à Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, este trabalho parte da proposta de Labov (2008 [1972]). William Labov foi um dos precursores da sociolinguística e criou métodos e teorias que sustentam o estudo da variação linguística em comunidades de fala.

Sobre o estudo da fala em uma comunidade, Labov (2008 [1972]) apresenta o que devemos levar em conta na hora de estudar o desenvolvimento linguístico de uma comunidade a sua história e as características de seus falantes: “O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p.21). Ou seja, antes de qualquer estudo da variação linguística de uma comunidade deve-se aprofundar sobre o convívio social de tal comunidade, de como seus habitantes se relacionam, e os tipos de interações sociais que ocorrem entre eles.

Entretanto, como obter dados sobre a fala sem que o falante se sinta pressionado, podendo assim alterar seu modo de falar? Labov (2008 [1972]) mostra alguns exemplos para romper essa barreira com o falante, a que, conforme Tarallo (2007) se nomeia como paradoxo do observador.

Uma maneira de superar este paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista, com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada (cap.3). Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. (LABOV, 2008, p. 245).

Para obter as devidas respostas para este trabalho, devemos entender também um pouco sobre a heterogeneidade da língua, sobre o falante participante desta pesquisa e sobre a variação da língua em nosso país.

Tarallo (2007) retrata que falar sobre a língua e como ela é falada é um processo de análise funcional sobre o falante-ouvinte ideal.

Esse falante-ouvinte ideal, no entanto, não parece ser tão “falante-ouvinte”, nem tão pouco “ideal”. A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. (TARALLO, 2007, p. 6).

Ou seja, não temos como ter uma falante nem ouvinte ideal com tanta heterogeneidade na língua. Então, a partir dessa citação, podemos compreender que se torna indispensável que haja um respeito para com a variação linguística e, diante da heterogeneidade, devemos estudar esta variação e como ela é sistematizada, a partir dos correlatos linguísticos e sociais.

Para Tarallo (2007, p.8), “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.” Ou seja, a língua pode ser falada de diversas maneiras, mas isso não impedirá que a comunicação ocorra. A exemplo, quando o falante faz uso da variante tepe, em lugar da vibrante (exemplo: [‘rato] para [‘rato]), o significado da palavra não é alterado. Da mesma forma, como cita Tarallo (2007), as variações de concordância ocorrem de forma não aleatória. Como exemplo o autor traz a situação a seguir.

No português falado do Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN; constituinte frasal mínimo, composto de um núcleo substantivo obrigatório, modificado por determinantes e adjetivos) encontra-se em estado de variação. Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural no SN. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas, as adversárias do campo de

batalha da variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/, e a variante (2), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma "zero". (TARALLO, 2007, p.8)

Mollica (2010) conceitua a variação linguística como “fenômeno universal” o qual é tecnicamente chamado de “variável dependente”.

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. (MOLLICA, 2010, p.11)

Para Mollica (2010 p.11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.” Assim sendo, segundo a autora, “variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2010, p. 11). Em seguida, a autora delimita o que seriam esses fatores internos e externos que se correlacionam nos usos e escolhas linguísticas.

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala. (MOLLICA, 2010, p.11).

No que se refere ao fenômeno da realização do /R/, Mollica (2010) o retrata como um fato regional, esclarecendo que os eixos da variação linguística são eixos diatópicos e diastráticos.

Por isso, a variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico e diastrático. No primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta fronteiras sociais. Assim, tradicionalmente, concebe-se uma ecologia linguística de ponto de vista horizontal, com a constituição de comunidades geográficas com base em marcadores regionais; e no

ponto de vista vertical, com a geração de padrões por meio de indicadores sociais. (MOLLICA, 2010, p.12).

No presente trabalho, o foco está no eixo diatópico. De acordo com Mollica (2010), o eixo diatópico é tratado a partir de limites físico-geográficos. No caso do estudo /R/, o limite é a comunidade e outras regiões. Isto é, a comunidade se diferencia de outras por seu modo de falar. Observar-se-á ainda a variação no eixo diastrático, olhando para fatores de ordem social como idade, escolaridade e etnia.

Braga (2010), nessa mesma perspectiva, discorre sobre a importância do estudo da língua para o convívio social e para a socialização, e como esse estudo é importante:

A importância teórica e metodológica dos estudos sobre a língua em uso é inegável. Exposto à conversação, o homem adquire a linguagem articulada e, simultaneamente, as formas básicas de socialização. (BRAGA, 2010, p. 101).

Nesta citação de Braga (2010), fala que o estudo da língua tem uma real importância para o convívio entre as pessoas, dado que é a partir da língua falada que se dá este convívio, e apoiado no conhecimento dela que se dá o entendimento e a interação.

Oliveira e Silva (2010) expõe um pouco sobre o que pode distinguir o modo de se expressar de cada pessoa em uma comunidade.

Ao estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idade diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p. 67).

Assim, vemos que o estudo da língua ou da variação linguística em uma comunidade vai muito além de coletar dados, é preciso observar e analisar as características distintas dos moradores de tal comunidade. A autora ainda discorre que “qualquer que seja a decisão tomada, é necessário penetrar-se na comunidade para observar como esta usa a língua.” (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p.117). Assim, o pesquisador precisa estar inserido socialmente na comunidade, conviver e conhecer sua história e seus moradores.

Isto inclui fazer uma pesquisa breve antes de coletar entrevistas. Ou seja, ter uma etapa de planejamento e estabelecer os critérios para esta observação e para a coleta de dados. “Observar, no entanto não significa apenas uma ação passiva ou ocasional. Há regras que conduzem e induzem a uma boa observação” (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p.117).

Oliveira e Silva (2010) abordam algumas destas regras, ao falar sobre “delimitar moradores”: “Devem, pois, ser selecionados alguns falantes que constituirão a amostra. Os resultados de análises realizadas serão então relativos a essa amostra.” (OLIVEIRA E SILVA, 2010, p.119).

A partir destas reflexões teóricas, este estudo focou sua proposta na observação, coleta e análise de dados de fala da comunidade de Barra Grande. Como a pesquisadora faz parte da comunidade, possui um conhecimento sobre a sua história e, também, do que caracteriza os seus moradores. Este olhar é feito a partir do uso do ‘r’ em início de sílaba. Pesquisas sobre estes usos são apresentadas na seção que se segue.

2.2 A REALIZAÇÃO DO ‘R’ UM FENÔMENO VARIÁVEL.

A realização do /R/ é um fato regional, de algumas regiões do sul do Brasil. A respeito, Brescancini e Monarreto (2008) expõem um pouco sobre o estudo desta variação no sul do Brasil, e de como esta variação tem relação com a imigração e colonização dessas regiões.

Em relação à fala do Sul do Brasil, a vibrante tem sido estudada sob diferentes perspectivas. Estudos sociolinguísticos, dialetológicos e geolinguísticos têm evidenciado que a vibrante pode se manifestar de diferentes maneiras, principalmente, no final de palavra. Já, em início de sílaba, a sua realização caracteriza diferentes etnias do Estado, como as regiões de colonização alemã, italiana e a zona fronteira que faz limite com o Uruguai e a Argentina. (BRESCANCINI, MONARETTO, 2008, p.52).

Margotti (2004) também discute sobre este assunto, e conecta os traços presentes na variação linguística de algumas regiões do Sul do Brasil com a vinda dos imigrantes italianos nessas regiões.

O relacionamento dos imigrantes italianos com os luso-brasileiros (negri ou brasiliani) falantes de português, mesmo ocorrendo numa variedade de português distanciada daquela falada nos maiores centros urbanos, e, como tal, considerada padrão, foi o primeiro passo para a

interinfluência não só de costumes e técnicas, mas também, e com acentuada intensidade, na língua. Logo no início, o italiano, aos poucos, distanciava-se daquele das origens, impregnado de traços do português. Do mesmo modo, o português, impregnado de traços do italiano, traz, ainda hoje, em muitas comunidades em que prevalecem os descendentes dos primeiros imigrantes, as marcas da língua italiana. (MARGOTTI, 2004, p.40).

Brescancini e Monaretto (2008) discorrem também sobre a presença da variante tepe e da vibrante no ataque (ex.: rato, carro) e que estas têm relação com a colonização no sul do país. No contexto da região sul do país a pronúncia da tepe e da vibrante têm uma ligação intensa com os colonizadores Alemães e Italianos.

Considerando-se os dados das cidades localizadas no Rio Grande do Sul, Panambi, de colonização alemã, e Flores da Cunha, de colonização italiana, podemos observar que, diferentemente de Porto Alegre e de Florianópolis, há, nessas cidades com informantes bilíngües, tepe e vibrante no ataque, caracterizando uma variação sociolingüística (BRESCANCINI, MONARETTO, 2008, p.57).

Como resultado de suas pesquisas, Brescancini e Monaretto (2008) chegaram a conclusão sobre a realização do /R/: que a coda em posição interna favorece a vibrante alveolar, enquanto em posição externa propicia a realização do tepe.

Já as variáveis linguísticas revelaram-se todas condicionadoras para as diferentes realizações do /r/, sendo o fator posição do rótico na sílaba o que apresentou os pesos relativos mais importantes: a coda em posição interna é ambiente favorecedor para a vibrante alveolar, enquanto a coda em posição externa propicia a realização do tepe. (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008, p.57).

Loriato e Peres (2013) em “gênero e a realização do /r/ em uma situação de contato linguístico”, realizam uma pesquisa sobre o contato dos imigrantes italianos e como este contato teve influência na realização do r-fraco (tepe). Após realizar entrevistas com falantes do gênero feminino e masculino, chegaram à conclusão de que, de maneira geral, os homens da localidade investigada são um pouco mais resistentes às mudanças linguísticas do que as mulheres” (LORIATO, PEREZ, 2013, p.433), ou seja, as mulheres aderem mais facilmente às mudanças linguísticas.

Sobre a influência dos italianos na realização do /R/, as autoras dizem que é uma característica comum o abrandamento do /R/ e também apresentam uma explicação para tal fenômeno.

Uma das características mais comuns do português em contato com o italiano é o abrandamento do /r/, independentemente de sua posição na palavra. A explicação histórica para essa diferença está nos dialetos italianos falados pelos imigrantes italianos que colonizaram a região Serrana do Espírito Santo. Nesses dialetos, trazidos do Norte da Itália, só existe uma vibrante simples (LORIATO, PEREZ, 2013, p.436).

Considerando a realização do /R/ no sul do Brasil em locais onde houve colonização Italiana, prevalece o /R/ forte. Margotti (2004) contextualiza sobre isso em seu trabalho, apontando que no contato do Italiano com o português se manteve o /R/ fraco:

O fenômeno em foco consiste, na fala do português de contato com o italiano, num processo de neutralização de [r] forte e [r] fraco, em contextos nos quais, em português, prevalece o r [forte]. A explicação histórica para essa diferença está nos dialetos italianos falados nas áreas bilíngues de português/italiano na Região Sul do Brasil. Nesses dialetos, trazidos do Norte da Itália, só existe uma vibrante simples apicodental. Isso faz com que os falantes bilíngües de português e italiano, ou mesmo falantes monolíngües nas áreas de contato do português com o italiano, tenham dificuldade de estabelecer a oposição que existe em português, substituindo o [r] forte (vibrante ou fricativo) por um [r] fraco (tepe ou aproximante). O [®] intermediário – aproximante, no caso – representa uma pronúncia de transição, indicando que os falantes têm a percepção da diferença fônica entre um [r] e outro, mas não conseguem realizar essa diferença na pronúncia (MARGOTTI, 2004, p.155).

A comunidade onde os dados para esta pesquisa foram coletados, conforme discorrido na parte introdutória, está localizada na região Sudoeste do Paraná e é formada por descendentes italianos, alguns também oriundos do Rio Grande do Sul, como parte dos movimentos migratórios desses imigrantes no país, que foram se instalando em diferentes regiões em busca de terras para o cultivo. Assim, a formação étnica dos moradores deve contribuir para que ocorram trocas no uso das variantes vibrante e tepe, podendo ocorrer formas da variante tepe em posição inicial de sílaba, ou, ataque silábico.

3 METODOLOGIA

Este estudo discorre sobre o fenômeno linguístico da realização do /R/ em uma pequena comunidade, localizada no interior do Paraná, com maioria dos habitantes tendo descendência italiana.

Dessa forma, para a concretização deste estudo foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade, analisando, a partir da fala dos moradores em que estão pautadas as escolhas linguísticas, quais fatores explicam o uso de uma variante em detrimento de outra. Observa-se, também, se a variante, no caso a pronúncia de um r-fraco, passa através das gerações. Ou seja, se tanto jovens como pessoas mais idosas fazem uso de variantes do 'r'-tepe em sua fala, e se o uso desta variante mostra distinção entre homens e mulheres, e entre falantes de maior ou menor escolaridade.

No que diz respeito à sociolinguística, a investigação está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos de Labov (2008 [1972]), assim como se baseia no estudo de Tarallo (2007) para o entendimento de procedimentos para a coleta dos dados.

Esta pesquisa se caracteriza como de campo, pois através de entrevistas com moradores de tal comunidade são explorados dados, os quais foram coletados em forma de entrevistas gravadas, e analisados, explorando a variação linguística na comunidade, como ela se dá.

3.1. SOBRE A COMUNIDADE

A comunidade de Barra Grande está localizada na cidade de Itapejara D'Oeste, e conta com maioria dos habitantes oriundos ou descendentes de oriundos do Rio Grande do Sul, os quais descendem de Italianos que migraram para o Brasil no século. XIX. Grande parte dos habitantes da referida comunidade são naturais do Rio Grande Do Sul e com parentesco entre eles, provenientes da região Noroeste, de cidades como Mariano Morro, Severiano de Almeida, Marcelino Ramos, Tapejara, Erechim, Três Arroios e Passo Fundo.

A comunidade, por ser pequena, formada em grande parte por agricultores, possibilita a interação entre seus habitantes, promovendo, assim, algumas

tradições na comunidade, tal como a “sopa do mondongo”, que é feita uma vez por ano na comunidade.

Aconteceu no último final de semana, na comunidade de Barra Grande, em Itapejara D'Oeste, a tradicional “Sopa e mondongo da Nona Guilhermina”. O jantar reuniu mais de 1.200 pessoas no Ginásio de Esportes de Barra Grande. Guilhermina Biezus foi uma imigrante italiana que ao chegar no Brasil, resolveu constituir residência no Rio Grande do Sul, e foi lá onde ela preparou o prato da sopa e do mondongo pela primeira vez. Ao vir para o Paraná, Guilhermina e sua família se instalaram na comunidade de Barra Grande, em Itapejara D'Oeste, sendo que ela foi uma das pioneiras da comunidade. (ANTUNES, 2019, p.1).

Outra característica que mostra a influência da cultura italiana na comunidade é uma gincana que se realiza, a qual tem a finalidade de fortalecer a Escola da comunidade. Tal gincana leva o nome “La Prima Gincana do Tutte le Persone” e que mostra como a cultura italiana continua presente.

O Nome da gincana “La Prima Gincana do Tutte le Persone” também faz alusão à cultura da comunidade. “Quando a equipe que organizou, a gincana se reuniu para decidir o nome da Gincana, eles decidiram que um nome em italiano seria o melhor, já que a cultura da comunidade de Barra Grande é caracteristicamente italiana”. Contou Aline. (ANTUNES, 2018, p.1).

Tal tradição serve como exemplo de como os habitantes da comunidade têm suas tradições e interações ainda ligadas à cultura italiana. Nas festas da comunidade ainda se pode ouvir, no final, alguns destes descendentes cantando músicas de origem Italiana como “La bella polenta”, “Vecchio Trivelin”, “Merica-Merica”, “Tarantela”, “La Bella Violeta”, “Quel Mazzolin Di Fiore”, “La Verdinela”.

A comunidade tem muitas tradições desde suas festas, até almoços populares que acontecem todos os anos e logo após com amistosos de bola, quando a comunidade se reúne.

3.2 INFORMANTES E CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

Nesta pesquisa somente foram selecionados moradores da comunidade de Barra Grande que nasceram ou que nela vivem boa parte de suas vidas.

Ao todo, foram selecionados 10 informantes, sendo 5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Do total, 5 possuem ensino fundamental ou médio (completo

ou incompleto) e os outros 5 possuem ensino superior completo ou incompleto, e possuem idades entre 20 e 85 anos, conforme a seguinte delimitação:

Sexo: F e M

F: Feminino

M: Masculino

Escolaridade A e B

A: ensino fundamental ou médio.

B: ensino superior completo.

Idade entre 20-30 ou 50 anos ou mais

Quadro 1 - Informantes

Informante	Escolaridade	Sexo	Idade
1	A	M	50 ou mais
2	A	F	50 ou mais
3	A	F	50 ou mais
4	A	F	50 ou mais
5	B	M	50 ou mais
6	B	M	20 a 30 anos
7	B	F	20 a 30 anos
8	B	F	20 a 30 anos
9	B	F	20 a 30 anos
10	A	M	20 a 30 anos

Fonte: Elaboração própria.

A coleta de dados para esta pesquisa, como parte do projeto “Variação Fonológica em Língua Materna: Panorama Sociolinguístico das regiões centro-oeste e sudoeste do Paraná”, foi previamente apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR (CAAE: 60270316.5.0000.5547).

No projeto, contempla-se a coleta e a análise de dados de fala em regiões do sudoeste e centro-oeste do Paraná. Para este recorte, selecionamos os dados da comunidade do interior de Itapejara do Oeste. Todos os informantes, ao aceitarem o convite para participarem da pesquisa, assinaram um termo de consentimento, ficando cientes de que sua fala seria gravada, de que sua identidade seria preservada e de que seus dados usados unicamente para fins de pesquisa.

3.3 INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados através de entrevistas feitas pessoalmente com cada informante, através de gravação utilizando o smartphone ou via Meet, com questões as quais abordavam assuntos sobre infância, brincadeiras, vida na comunidade e rotina. Criou-se, assim, um vínculo do entrevistado com o entrevistador, partindo então para questões sobre assuntos que o entrevistado se sentia mais à vontade, demonstrava mais afinidade com o assunto. As entrevistas como base no seguinte questionário:

- 1- Como você descreve sua infância?
- 2- Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? e com quem você costumava brincar?
- 3- Quais eram as atividades dos seus pais? você auxiliava nelas?
- 4- Qual lembrança marcou sua infância? Conte um fato, alguma coisa que tenha marcado sua infância.
- 5- Como era a rotina na escola?
- 6- O que mais deixou saudade da sua infância?
- 7- Conte um pouquinho da sua rotina, o que você faz durante o dia.
- 8- Você já fez alguma viagem? Poderia falar sobre um lugar que você conheceu?
- 9 - Como é a vida na sua comunidade, a rotina das pessoas?
- 10 - Você costuma frequentar grupos ou participar de festas da comunidade? Conte um pouco sobre essas atividades.

11 - Como está sendo seu dia a dia nesses tempos de pandemia? O que mudou na sua rotina?

3.4 VARIÁVEIS INVESTIGADAS

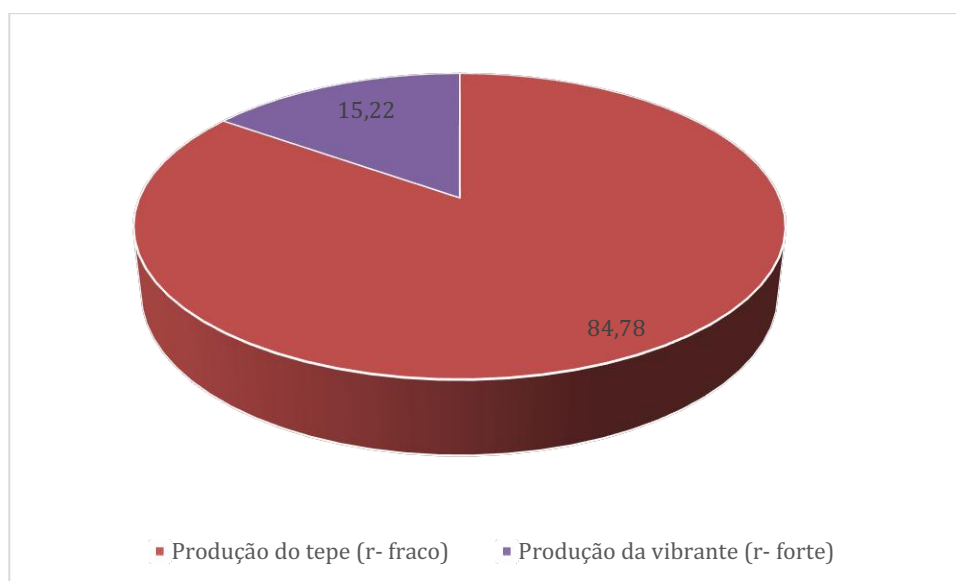
Este estudo investiga como variável dependente a ocorrência do r em início de sílaba. Portanto, a variável dependente olha para a realização do r - forte, a vibrante, produzido como: (1) como a própria vibrante (r- forte) ou (2) como o tepe (r- fraco).

Os dados foram analisados de oitiva, a partir da percepção da autora, a partir da transcrição e escuta dos dados de fala. Como variáveis independentes são considerados os grupos de fatores: (E) a escolaridade em dois grupos: (1) falantes com ensino fundamental ou médio, completo ou incompleto; (2) falantes com ensino superior completo ou incompleto; (S) o sexo (falantes dos dois grupos feminino e masculino); e (I) idade - compreendendo falantes de 20 até 50 anos, e falantes de 50 anos acima; e (P) posição do /R/na palavra (inicial ou no meio de palavras).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O levantamento geral quanto ao uso do tepe em palavras com vibrantes (carro, rato, farra) permite observar a predominância do uso do tepe na comunidade investigada (com percentual de 84,78%). No entanto, também foram encontrados dados com a ocorrência do r-forte (percentual de 15,22%).

Gráfico 1 – Realização do /R/ na comunidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Por tais dados, percebe-se que a comunidade ainda mantém a pronúncia do tepe em contexto de uso da vibrante. O fato de ainda prevalecer o uso do tepe pode ter relação com o contato com língua Italiana, visto ser maior parte dos habitantes da comunidade estudada tem descendência italiana. Segundo Loriato e Perez (2013), uma das características mais comuns do português em contato com o italiano é o abrandamento do /r/, independentemente de sua posição na palavra.

Na busca de observar o emprego da vibrante (r - forte) e do tepe (r- fraco), foram levantadas, na amostra de dados, algumas palavras, as mais recorrentes, analisando o percentual em que estas foram realizadas com r- forte ou r-fraco.

Quadro 2 – Palavras mais recorrentes e produção do tepe ou vibrante

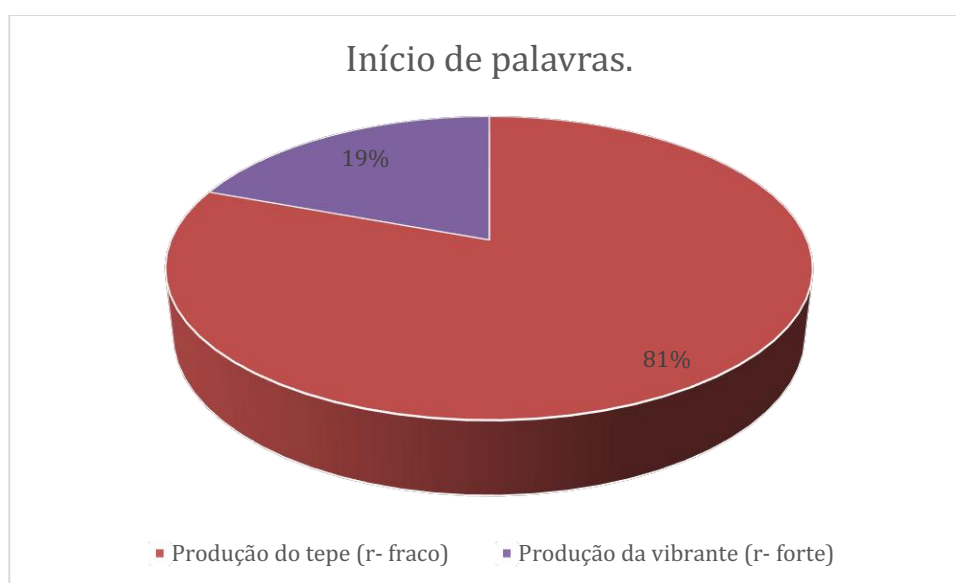
Palavra	Produção do tepe (r - fraco)	Produção da vibrante (r - forte)
amarrado	100 %	0
Barra	100%	0
barro	66,6%	33,3%
Carrinho	100%	0
Carro	80%	20%
Carroça	91,67%	8,33%
Correndo	66,6%	33,3%
Redor	100%	0
Reuni	50%	50%
Rio	80%	20%
Roça	80,96%	19,04%
Rotina	55,56%	44,44%
Terra	66,6%	33,3%

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, na tabela acima, que, em grande parte das palavras, ainda prevalece o uso do tepe, mas podendo haver também o uso do R-forte como foi citado anteriormente. Palavras como “barra”, “amarrado”, “carrinho”, “carroça”, “rio” e “roça”, tendem a ser produzidas com r- fraco (maiores percentuais de pronúncia com a variante tepe), enquanto que palavras como reuni, rotina e barro, apresentam percentuais de pronúncia com o tepe, mas também com r - forte, ou seja, apresentam mais variação na sua realização.

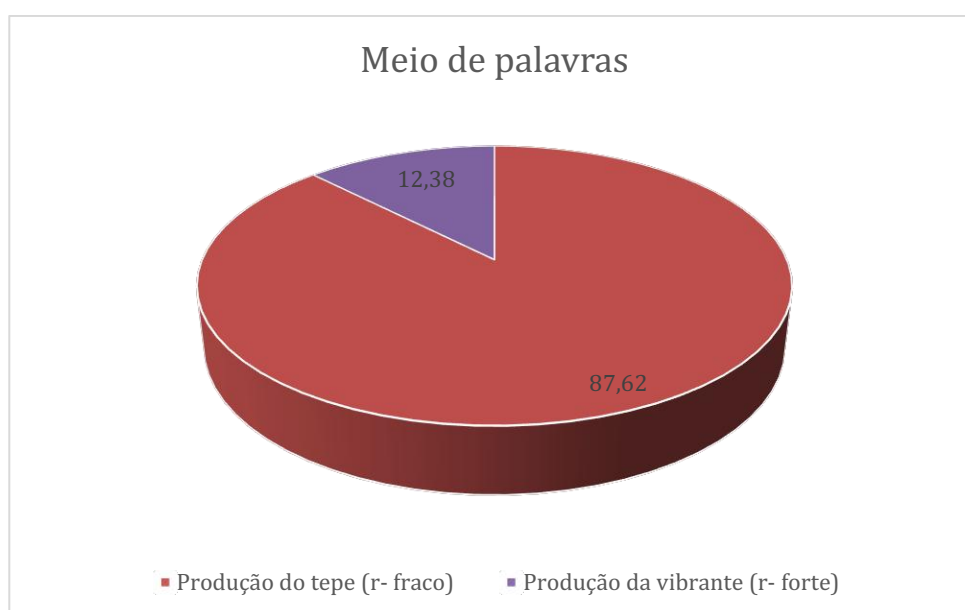
Além de comparar as palavras com a presença do R no início ou no meio quanto a sua realização como r-forte e r-fraco, comparamos, também, conforme apresentamos nos gráficos 2 e 3, a realização do R em início de palavra, como em “rato”, “recreio” e “rodo”, e a realização do r no meio da palavra, na segunda ou terceira sílaba, como em “carro” e “amarrado”, respectivamente.

Gráfico 2- Realização do /R/: início de palavra (sílabas inicial)



Fonte: Chiapetti (2021)

Gráfico 3 – Realização do /R/ - meio de palavras (sílabas medial)



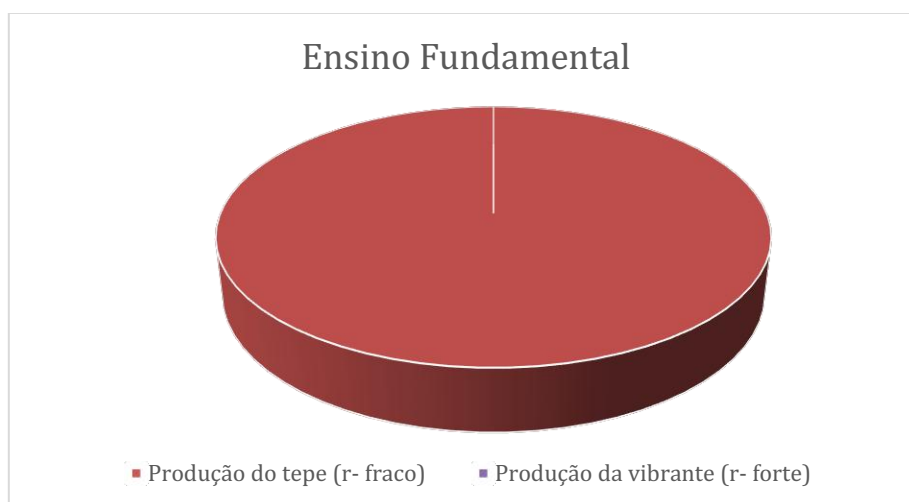
Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados da comparação da realização do 'r' em início e meio de palavras demonstram que nos dois casos prevalece o uso do tepe. No meio de palavras o uso do tepe se apresenta com maior prevalência (porcentagem de 87,62%) em relação ao início de palavras (percentual de 80,65%). Apesar do uso do r-fraco ter maior prevalência na posição de meio de sílaba, também é verificável o uso do r-forte tanto no início (percentual de 19,35%) quanto no meio de palavras (percentual de 12,38%).

Posteriormente à verificação dos resultados acima, são apresentados os resultados em relação as variantes idade, escolaridade e sexo. Segundo Oliveira e Silva (2010, p. 67) “os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idade diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.” Os resultados para esses grupos de fatores neste estudo são apresentados a seguir.

Nos gráficos 4, 5 e 6, apresentados na sequência, compara-se o comportamento dos informantes em relação à variável escolaridade, no caso o grupo (1) falantes com ensino fundamental ou médio completo ou incompleto; e grupo (2) falantes com ensino superior completo ou incompleto. A hipótese inicial era a de que falantes com maior escolaridade fizessem maior uso da variante r-forte em relação ao grupo com menor escolaridade.

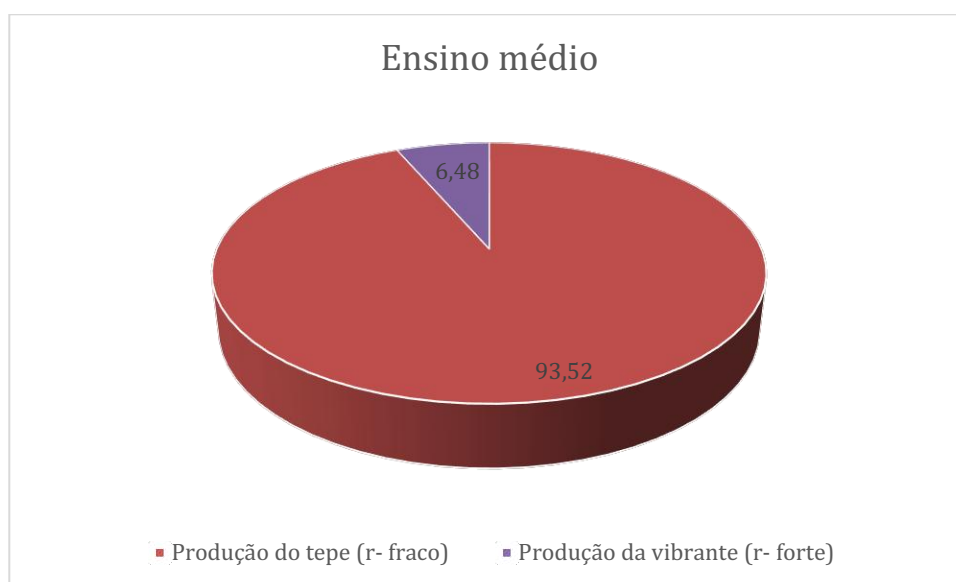
Gráfico 4 – Escolaridade: Ensino Fundamental



Fonte: Elaboração própria.

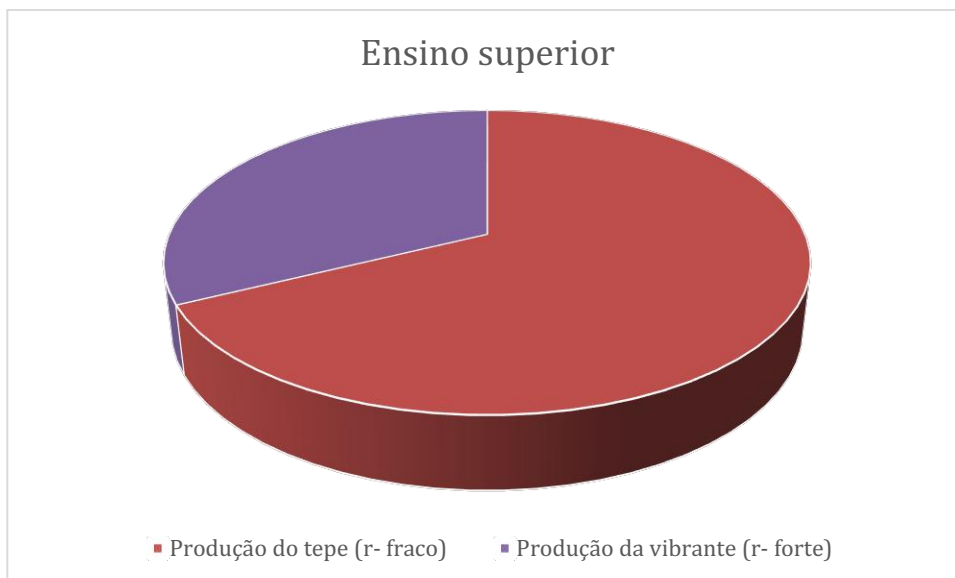
Quanto à variável escolaridade, os resultados evidenciam que esta variável tem grande influência na pronúncia do tepe. Falantes com menor escolaridade, apenas o ensino fundamental, tendem a fazer maior uso do tepe (percentual de 100%), estes não apresentam a produção da vibrante r-forte. Este percentual tem queda à medida que o falante tem maior nível de escolaridade.

No Gráfico 5 – Escolaridade: Ensino médio (completo ou incompleto) Neste gráfico os percentuais passam a ter queda nos falantes com o Ensino Médio, onde, se verifica que, ainda prevalece o uso do tepe, mas com índices menores (percentual de 93,52%), e nos resultados já ocorre a produção do r vibrante (percentual de 6,48%).



Fonte: Elaboração própria

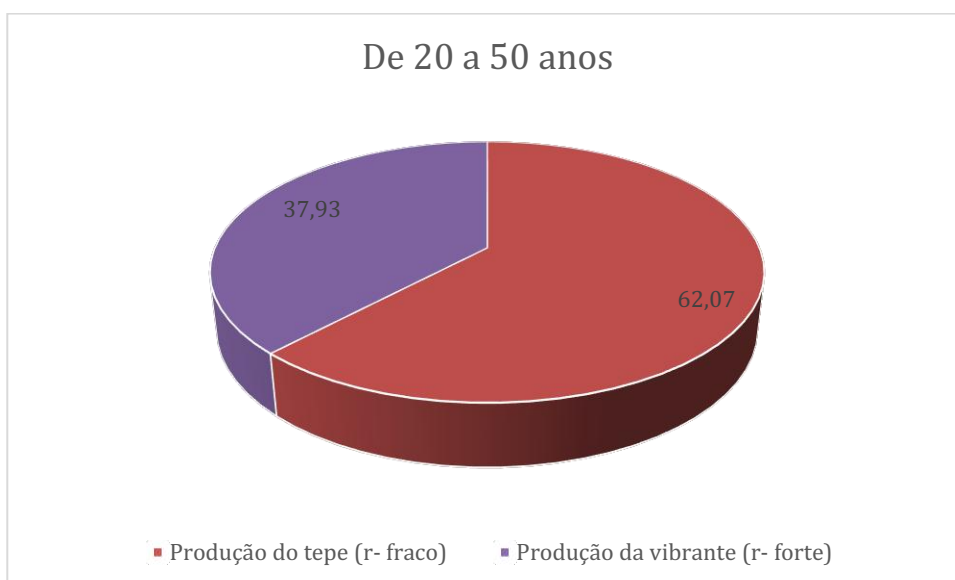
No Gráfico 6 – Escolaridade: Ensino Superior (completo ou incompleto). Essa queda continua quando observados os dados dos falantes com ensino superior, no qual a produção do tepe tem uma grande queda, apesar de continuar em predominância (percentual de 67,91%). Neste caso, o r-vibrante tem um resultado mais expressivo (percentual de 32,39%) em relação aos dados do ensino fundamental e médio.



Fonte: Elaboração própria.

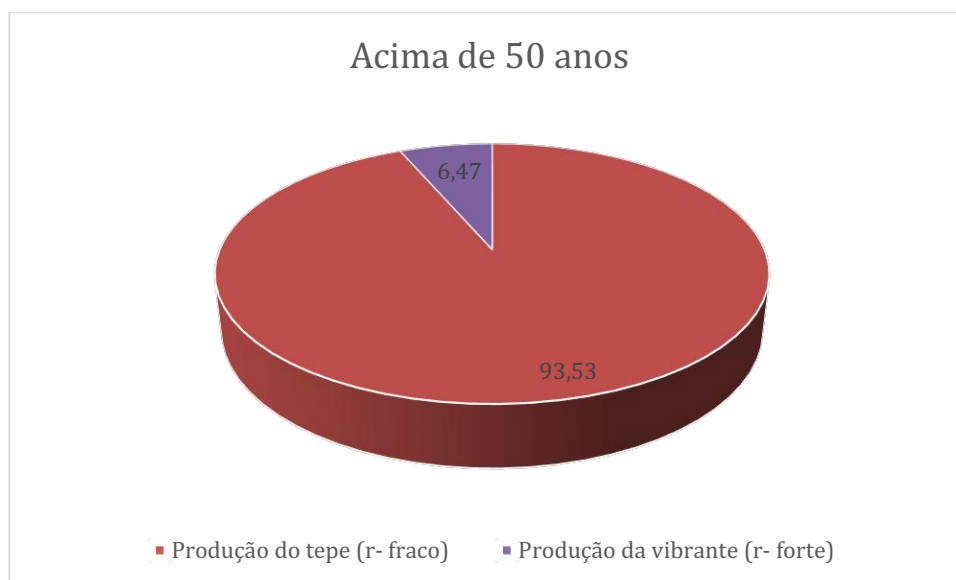
Nos Gráficos 7 e 8, na sequência, compara-se o comportamento dos informantes em relação à variável idade. Na faixa etária A os falantes são de idades de 20 a 50 anos, na faixa etária B os falantes são de idades de 50 anos ou mais.

Gráfico 7 – Idade: Faixa etária: A - 20 a 50



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 8 - Idade: Faixa etária B- 50 anos ou mais.



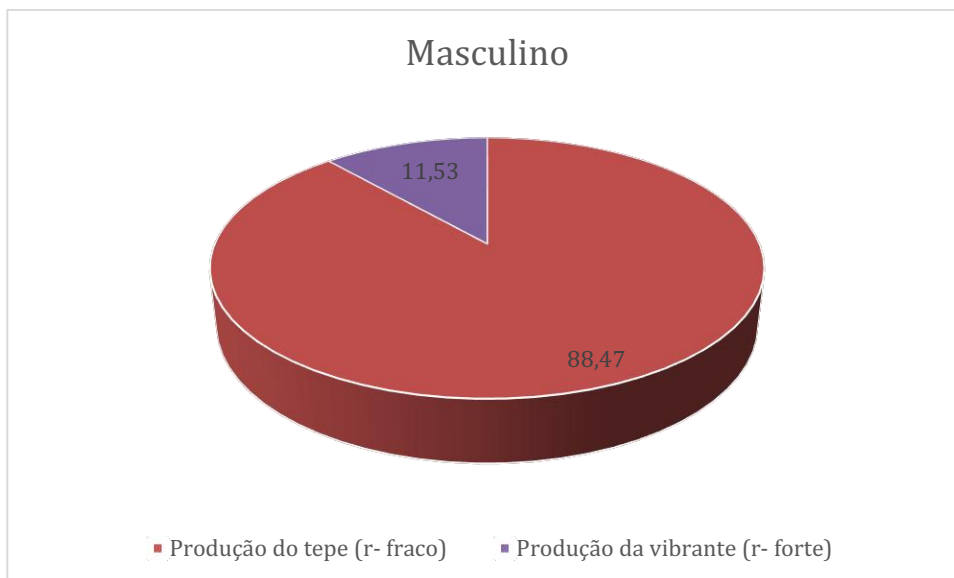
Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados relativos ao uso do tepe com relação à idade mostram, como observa-se frente aos gráficos, que a realização do r-fraco estaria presente nos falantes mais velhos (acima de 50 anos), em que o uso do tepe tem grande prevalência. Essa hipótese com a prevalência do r-fraco nos dados obtidos (percentual de 93,53%), mas também é identificado o uso do r-forte (percentual de 6,47%). O uso do tepe continua em prevalência nos falantes de 20 a 50 anos (percentual de 62,07%), mas agora com aumento no uso do r-vibrante por estes falantes (percentual de 37,93).

Nos gráficos 9 e 10, na sequência, são apresentados os dados para a variável sexo, buscando verificar possíveis diferenças de comportamento na realização do R entre falantes do sexo feminino e falantes do sexo masculino. Segundo Loriato e Perez (2013, p. 433) “verificamos, neste trabalho que, de maneira geral, os homens da localidade investigada são um pouco mais resistentes às mudanças linguísticas do que as mulheres.”

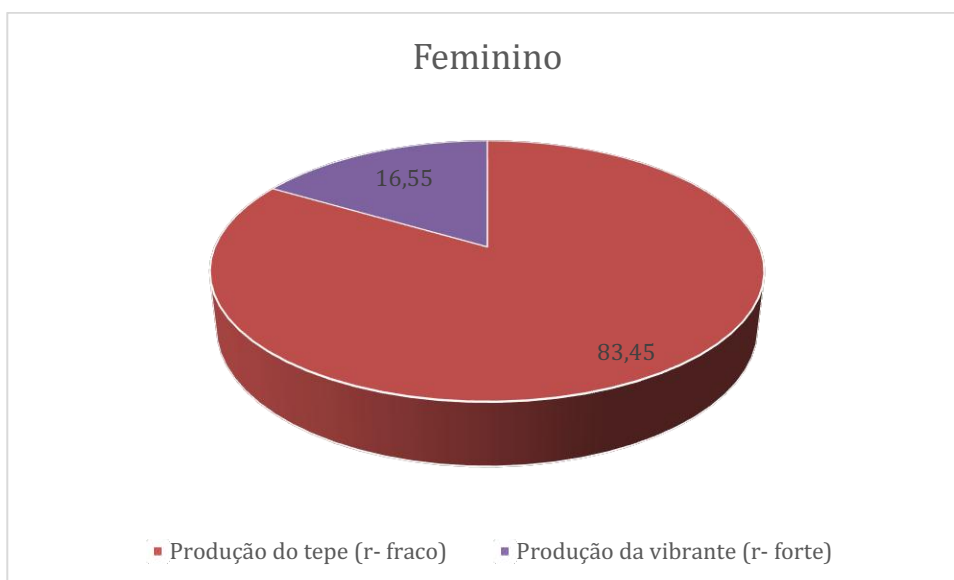
Podemos observar que, apesar dos homens se sobressaírem com uma pequena diferença na produção do r-fraco em relação as mulheres, a hipótese acima não se confirma totalmente, pois o r-fraco prevalece com altos índices tanto no sexo feminino quanto no sexo masculino.

Gráfico 9 – Variável sexo: Masculino



Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 10 – Variável Sexo: Feminino Nas mulheres, o uso do r-fraco se mante com percentual alto na produção do tepe (percentual de 83,45%), mas também se verifica o uso do r-forte também na fala das mulheres (percentual de 16,55%).



Fonte: Elaboração própria.

Nos gráficos acima foram apresentados os dados sobre a realização do tepe por informantes do sexo feminino e masculino. Podemos constatar a partir deles que há predominância da produção do tepe tanto no sexo masculino (percentual de 88,47%) quanto no sexo feminino (percentual de 83,45%), mas

sendo identificado também na fala a produção do r-forte, tanto nos informantes de sexo masculino (percentual de 11,53%), como nos de sexo feminino com uma leve alta (percentual de 16,55%).

Por fim, com vistas a observar o comportamento de cada informante com relação à realização do /R/, apresenta-se uma tabela com informantes e produção.

Quadro 3 – Informantes e produção do /R/

Informante	Produção do tepe (r - fraco)	Produção da vibrante (r - forte)
A	100%	0
B	100%	0
C	100%	0
D	78,38%	21,62%
E	100%	0
F	60%	40%
G	38,47	61,53%
H	100%	0
I	42,68%	57,14%
J	100%	0

Fonte: Chiapetti (2021)

Podemos identificar no quadro acima que alguns informantes tem prevalência no uso do uso do r-fraco (tepe). Os informantes A, B, C, E, H e J representam em seu resultado o predomínio na substituição do r-forte pelo tepe. Mas podemos verificar a presença do r-forte com percentual significativo nos informantes D, G, e I.

Tais resultados permitem constatar que a pronúncia do r-fraco tem predominância no uso linguístico dos informantes desse estudo, mas vemos também pronúncia do r-forte em alguns informantes, principalmente aqueles informantes e com grau de ensino mais elevado, nestes informantes a pronúncia do r-forte foi mais significativa do que naqueles mais velhos e com menor grau de escolaridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o propósito de analisar dados sobre a pronúncia do /R/ no início de sílabas em palavras como rato, roer, carro, faladas pelos moradores da comunidade de Barra Grande, compreendendo como fatores sociais como idade, etnia, sexo e escolaridade, e também variáveis como posição na sílaba, palavra e informantes, podem influenciar na escolha de uma variante em detrimento de outra.

A pesquisa considerou duas possibilidades de produção do r, (1) produção do r-forte e (2) produção do r-fraco (tepe). Os resultados mostram que na comunidade investigada ainda há predominância no uso do tepe, porém uso do r-forte também está presente na pronúncia dos falantes da comunidade.

Dos resultados obtidos pelas variáveis se sobressaem: a (E) escolaridade e (I) idade. O uso do tepe mostra estar mais presente na pronúncia de falantes mais velhos e com menor escolaridade. Nos falantes mais novos e com maior escolaridade ainda continua a prevalência do uso do tepe, mas com percentual menor. Ainda quanto ao (S) sexo, há grande percentual de uso do r-fraco tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino. Os resultados em relação à posição do r (P) inicial e no meio de palavras, é possível visualizar maior incidência de ocorrência do tepe quando o /R/ está localizado no meio de palavras, em casos como “carrinho” e “carroça.”

Concluindo, a pronúncia do r-fraco na comunidade de Barra Grande está muito presente na fala dos moradores. A comprovação deste processo pode ser apoiada nas variáveis idade e escolaridade, que havendo comparação nos resultados nestas variáveis podemos ver uma queda no percentual do uso do tepe em falantes mais novos com maior escolaridade.

Espera-se, por fim, que este trabalho possa contribuir para os estudos da língua, no âmbito da sociolinguística, trazendo dados de fala de uma comunidade localizada no interior do Paraná. Ainda que com uma mostra limitada, pode-se apontar indícios de como essa comunidade ainda preserva na fala características da descendência italiana.

Estudos futuros, talvez com a possibilidade de amostras de fala maior, são também importantes para complementar o estudo aqui realizado, trazendo também uma análise de outras variáveis, especialmente as de cunho linguístico

que, por questão de delimitação, não foram amplamente exploradas por este estudo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Andrio. “LA PRIMA GINCANA DI TUTTE LE PERSONE” movimentou toda a comunidade de Barra Grande, com sucesso de público. **Panorama fm100.1**, Itapejara d'Oeste, p. 1, 28 maio 2018. Disponível em: http://www.panoramaam.com.br/?pg=noticias&id_noticia=1805. Acesso em: 20 nov. 2019.

ANTUNES, Andrio. Sopa e mondongo da Nona Guilhermina reúne 1.200 pessoas em Barra Grande: Tradição com mais de 60 anos foi servida em jantar na comunidade de Barra Grande. **Jornal de Beltrão**, [S. l.], p. 1, 29 Maio 2019. Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/286191/sopa-e-mondongo-da-nona-guilhermina-reune-1200-pessoas-em-barra-grande>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BRAGA, M. L. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. Separata de: **INTRODUÇÃO à sociolinguística: O tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. cap. 12, p. 111-116.

BRESCANCINI, Cláudia.; MONARETTO, Valéria. **Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações**. SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, n.11/2, p. 5166, dez. 200

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**/ Willian Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LORIATO, S.; PERES, E. P. **Gênero e a realização do /r/ em uma situação de contato linguístico**. Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 431 - 446, jul./dez. 2013.

MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOLLICA, M.C. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação: A contraparte fixa da língua, heterogeneidade e unidade. Separata de: **INTRODUÇÃO à sociolinguística: O tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. cap. 1, p. 9-14.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. D. Coleta de dados: Conselhos prévios. Separata de: **INTRODUÇÃO à sociolinguística: O tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. cap. 13, p. 117-133.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.